

MISSIOMIGRAÇÃO: CHANCE PARA O MELHOR APROVEITAMENTO MISSIONÁRIO DA DIÁSPORA BRASILEIRA

Diogo da Cunha Carvalho

O autor é Gerente Executivo de Desenvolvimento da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira e Professor de Missiologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil/Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Também é Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Campos-RJ e em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Possui Pós-Graduação em Direito Imobiliário, Direito Público e Docência do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá. É Mestre em Estudos Teológicos com ênfase em Missiologia pelo Southeastern Baptist Theological Seminary (EUA) e Doutor em Teologia pela PUC-Rio. E-mail: diogo@missoesnacionais.org.br. ORCID: 0009-0008-8214-6885.

MISSIONMIGRAÇÃO: CHANCE PARA O MELHOR APROVEITAMENTO MISSIONÁRIO DA DIÁSPORA BRASILEIRA

Resumo

O presente artigo aborda a realidade da diáspora brasileira e seus desafios e oportunidades para a expansão da fé cristã no mundo de hoje. Por meio de pesquisa bibliográfica, coletou dados que revelam tanto otimismo quanto preocupação quanto ao possível aproveitamento desse fenômeno social em termos missionários. Para vencer esses desafios, propõe um novo conceito, denominado missionmigração, provisoriamente definido como o movimento de migração que, mesmo sendo motivado por melhores condições de vida, carrega uma consciência missional que leva o migrante a, intencionalmente, abraçar a cultura anfitriã e anunciar o evangelho de maneira fiel e relevante aos nativos, fazer discípulos entre eles, iniciar novas igrejas e a transferir-lhes a liderança tão logo seja possível e recomendável. Esse conceito é composto de três elementos fundantes: inteligência cultural, consciência missional e coadjuvação intencional.

Palavras-Chave: Diáspora brasileira; Missões mundiais; Migração; Missionmigração; Contextualização.

Abstract

This article addresses the Brazilian diaspora and its challenges and opportunities for the expansion of the Christian faith in the world today. Through bibliographical research, it collected data that reveals optimism and concern regarding the possible use of this phenomenon in missions. In order to overcome these challenges, the article proposes a new concept, missionmigration. This concept is provisionally defined as the migration movement that, regardless being motivated by better living conditions, carries a missional consciousness that leads the migrant to intentionally embrace the host culture and announce the gospel in a faithful and relevant way to the nationals, make disciples among them, start new churches and transfer leadership to them as soon as possible and advisable. This concept has three founding elements: cultural intelligence, missional awareness and intentional supporting.

Keywords: Brazilian diaspora; World missions; Migration; Missionmigration; Contextualization.

Introdução

Testemunha-se, hoje, uma intensa movimentação de pessoas ao redor do mundo que, em termos absolutos, não encontra paralelo na história. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), no final de 2022, o número daqueles que por guerra, perseguição, violência ou violação dos direitos humanos, viram-se obrigados a sair de sua pátria em busca de sobrevivência em outros territórios atingiu o recorde de 108,4 milhões no final de 2022. Até maio de 2023, devido à guerra na Ucrânia, à revisão das estimativas de refugiados afegãos e aos novos conflitos, especialmente no Sudão, esse número já atingiu 110 milhões[1]. Essas pessoas em deslocamento forçado são os chamados refugiados, isto é, “que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de ‘proteção internacional’”[2].

Outro grupo que se soma aos refugiados na volumosa movimentação que marca este tempo – embora por motivo diverso – é o dos migrantes, ou seja, aqueles que, voluntariamente, cruzam fronteiras em busca de melhores oportunidades econômicas[3]. Enquanto o refúgio é forçado, a migração é voluntária, e os migrantes, ao contrário dos refugiados, não estão impedidos de voltar a seu país a qualquer momento.

Embora nem sempre clara e precisa, essa diferenciação conceitual é imprescindível para a delimitação do tema proposto no presente artigo, que se debruçará sobre a migração[4].

[1] NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Deslocamento forçado atinge novo recorde em 2022, e ACNUR pede ação conjunta. Notícias. 19 jun. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/237141-deslocamento-for%C3%A7ado-atinge-novo-recorde-em-2022-e-acnur-pede-a%C3%A7%C3%A3o-conjunta> Acesso em: 7 nov. 2023.

[2] NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Qual a diferença entre “refugiados” e “migrantes”?. Notícias. 4 mai. 2016. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferen%C3%A7a-entre-refugiados-e-migrantes> Acesso em: 5 set. 2023.

[3] NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2016.

[4] Decidiu-se, para este ensaio, empregar a referida separação, conforme proposta pela ONU.

Sabe-se que o refúgio é um tema que reclama a pronta e compassiva atuação da igreja, a exemplo das iniciativas promovidas pelas juntas missionárias da Convenção Batista Brasileira[5]. No entanto, optou-se por não o abordar aqui. Em vez disso, refletir-se-á sobre os migrantes, sobretudo brasileiros, e estes como possíveis protagonistas de missões mundiais.

1. Motivos para otimismo

Segundo estimativa do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, quase 4,6 milhões de brasileiros viviam fora do País em 2022, em um aumento de 4% em relação a 2021[6]. Esse movimento, iniciado na década de 1980 e intensificado nos últimos anos, levou a Organização Internacional para as Migrações da ONU (OIM) a considerar a existência de uma verdadeira diáspora brasileira, “formada por emigrantes que compartilham de uma experiência migratória, relações, sentimentos, histórias e identidade comuns com sua terra natal”[7]. Verificado em várias regiões do mundo, o fenômeno da emigração brasileira incide especialmente sobre o continente europeu e os Estados Unidos, que respondem por mais de 76% dos brasileiros no exterior.

Essa diáspora coincide com a análise de Phillip Jenkins, no sentido de que a movimentação de habitantes do chamado Sul Global para o Norte aumenta a perspectiva de uma presença cristã revitalizada em solo europeu[8].

[5] Cite-se a Vila Minha Pátria, localizada em Morungaba-SP e dedicada ao acolhimento de refugiados afegãos, e o projeto Esperança aos Refugiados, desenvolvido pela JMM.

[6] GRELLET, Fabio. **Onde vivem os brasileiros no exterior e quais os países preferidos?** Veja lista. Estadão, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/onde-vivem-os-brasileiros-no-exterior-e-quais-os-paises-preferidos-veja-lista-nprm/> Acesso em: 4 set. 2023.

[7] OIM. ONU Migração. **Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável.** 2022, p. 6. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf> Acesso em: 5 set. 2023.

[8] JENKINS, Phillip. **A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global.** Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record: 2004, p. 139.

Jim Memory, diretor regional de Lausanne Europa, também celebrou que, nas últimas três décadas, os migrantes latino-americanos plantaram centenas de igrejas na Europa, em especial Espanha e Portugal[9]. Segundo ele, “é difícil encontrar uma grande cidade europeia que não tenha uma grande congregação brasileira ou de língua espanhola”[10]. Tal cenário tem despertado certo otimismo em alguns quanto à possibilidade de Deus estar usando esses cristãos para evangelizar outras nações e iniciar igrejas, reaquecendo-as espiritualmente.

Se isso estiver mesmo acontecendo, não seria algo realmente inédito. Com efeito, Klaus Koschorke, após examinar os processos passados e recentes de globalização intracristãos, concluiu pela importância especial das “redes de diáspora supra regionais enquanto canais de uma expansão muitas vezes espontânea e independente de atividade missionária”[11].

Para o pesquisador, “muitas vezes, diásporas étnicas representam canais de expansão do Cristianismo que são independentes de atividade missionária, as quais só mais tarde – ou não – são seguidas de estruturas eclesiásticas”[12]. Será, de fato, o caso de essa diáspora brasileira vir a representar, em um futuro próximo ou distante, um fator que contribuirá em um avanço significativo da fé cristã no Norte Global? Pode ser que sim, mas há razões para crer que, se acontecer, não terá sido tão fácil ou natural como se acredita. Para que essa previsão se concretize, há importantes barreiras que precisam ser superadas.

[9] OIM, 2022, p. 13. As referências feitas à Europa se justificam pela existência de mais estudos já produzidos sobre o impacto da presença latino-americana nesse contexto, não significando, de maneira alguma, que a reflexão que ora se faz se restrinja a esse continente.

[10] MEMORY, Jim. **Mitos, verdades e oportunidades para a obra missionária na Europa**. 2021, p. 28. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/updates-pt-br/mitos-verdades-e-oportunidades-para-a-obra-missionaria-na-europa>. Acesso em: 5 set. 2023.

[11] KOSCHORKE, Klaus. **Religião e Migração**. Aspectos de uma história policêntrica do Cristianismo mundial. In: *Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas*. Heloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Isabel Cristina Arendt e Marcos Antônio Witt (org.). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, pp. 19-51, p. 41.

[12] KOSCHORKE, 2016, p. 41-42.

2. Motivos para preocupação

Ao mesmo tempo em que suscita expectativas positivas, a onda de migração de evangélicos brasileiros apresenta graves dificuldades missiológicas. É que, usando a Europa como exemplo, os milhares de igrejas ali iniciadas por latino-americanos não estão causando o impacto esperado, e isso ocorre “porque muitos dos líderes da igreja não são capazes ou não estão dispostos a adaptar suas igrejas à cultura e ao contexto local”[13]. O mais comum e natural – em grande medida porque a migração, em si, já traz seus desafios inerentes – é que, ao buscarem uma igreja ou ao iniciarem uma, emigrantes brasileiros procurem unir-se aos seus compatriotas e se fechem na língua, cultura e tradições do que seus país de origem, inclusive em matéria religiosa. Com isso, formam “guetos eclesiais” em solo estrangeiro e, conseqüentemente, ficam muito aquém de causarem um real impacto evangelizador no novo contexto em que se instalaram.

Conforme já se constatou, geralmente essa tendência só se enfraquece quando a segunda ou terceira gerações de migrantes chegam a posições de liderança. Nesse momento, os descendentes de brasileiros, mais identificados com a cultura local do que seus pais e avós, conseguem enxergar a igreja sob uma perspectiva multicultural, ausente nos que os precederam[14]. Essa situação, entretanto, está longe da ideal, pois prejudica – ou, no mínimo atrasa – a pregação do evangelho e a formação de líderes do povo local. Não se cumpre, assim, a Grande Comissão, que implica uma ação missionária que resulte em discípulos feitos de todas as nações para onde se vá (Mt 28.18-20).

[13] MEMORY, 2021, p. 28.

[14] MEMORY, 2021, p. 29.

Sem uma radical mudança de mentalidade, todo o otimismo que se tenha quanto à presença de cristãos brasileiros no mundo pode se converter em uma grande frustração, por não se vislumbrar, em curto e médio prazos, nenhum impacto significativo entre os nacionais dos países receptores, senão entre os próprios brasileiros, absortos em seus círculos culturais fechados e sem exercerem uma missionalidade saudável na terra em que escolheram viver[15]. Há, portanto, a necessidade de uma missiomigração, e não apenas de uma migração comum.

3. Missiomigração: definição provisória e elementos

Na tentativa de oferecer uma saída para essa questão, propõe-se um novo conceito que se pode chamar de missiomigração, que significa o movimento de migração que, mesmo sendo motivado por melhores condições de vida – como toda migração –, carrega uma consciência missional que leva o migrante a, intencionalmente, abraçar a cultura anfitriã e anunciar o evangelho de maneira fiel e relevante aos nacionais, fazer discípulos entre eles, iniciar novas igrejas e a transferir-lhes a liderança dessas comunidades tão logo seja possível e recomendável. Tratando-se de uma definição embrionária, está aberta a reparos e, certamente, será aprimorada por outros missiólogos, o que se encoraja. Se a proposta tema servir de ponto de partida para novas reflexões, terá alcançado seu objetivo.

Além da definição, propõe-se os seguintes elementos fundantes para a missiomigração, sem prejuízo de outros que se possam acrescentar.

3.1. Inteligência cultural

Um dos perigos recorrentes da prática missionária é o etnocentrismo, ou seja, a atitude de considerar a cultura própria como superior às outras e a medida pela qual estas devem ser julgadas.

[15] Obviamente, não se despreza a importância de alcançar os brasileiros que vivem no exterior.

Essa distorção missiológica, que nem sempre é consciente, manifesta-se, por exemplo, quando emigrantes brasileiros tentam impor determinados aspectos litúrgicos típicos das igrejas daqui em igrejas estrangeiras. Há relatos de que, quando isso acontece, os nacionais passam a sentir-se desconfortáveis e abandonam a igreja. Cria-se uma igreja que se parece em tudo com uma igreja brasileira, só que no exterior[16].

Enquanto os povos latino-americanos costumam reclamar de sofrerem preconceito da parte de nativos do Norte, devem ficar atentos para um outro tipo de preconceito, na direção inversa, caracterizado pelo pensamento de que o jeito certo de fazer igreja é o jeito latino. A Bíblia, e não a cultura, é a última palavra sobre como a igreja deve ser, funcionar e se expressar. Conforme sinalizou Ronaldo Lidório, “nenhum elemento externo jamais deve ser imposto a uma cultura”[17].

É necessário, portanto, que os brasileiros que residam fora do país e desejem se envolver com a missão cristã desenvolvam uma apurada inteligência cultural por força da qual sejam capazes de mergulhar na nova cultura, abraçá-la e adotá-la a tal ponto que assimilem o idioma, costumes e hábitos locais, sempre visando desenvolver relações significativas com os habitantes da nação anfitriã, evangelizá-los e fazer deles discípulos, nos termos da Grande Comissão.

3.2. Consciência missional

Segundo Timóteo Carriker, ser missional significa, simplesmente, exercer a vocação missionária no contexto em que se está inserido[18]. Ed Stetzer traz luz a esse conceito ao diferenciar os termos missionário e missional:

[16] Não se está referindo aqui, propriamente, a igrejas brasileiras existentes no interior, especialmente nos Estados Unidos, cujo público-alvo são os imigrantes brasileiros, que também carecem da graça de Deus e precisam ser alcançados pelo evangelho. Essas igrejas escolhem, deliberadamente, manter-se parecidas com as igrejas do Brasil a fim de cumprirem sua vocação.

[17] LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 143.

[18] CARRIKER, Timóteo. **O que é Igreja missional: Modelo e vocação da igreja no Novo Testamento**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018, p. 9.

O primeiro se refere mais a uma atitude de importar-se com missões, sobretudo além-fronteiras. Missional significa pôr a missão em prática bem aqui onde estamos. Missional significa adotar a postura de um missionário, aprender a cultura à sua volta e adaptar-se a ela sem abrir mão de uma relação sólida com a Bíblia[19].

Importa saber como esse conceito pode ser aplicado ao migrante cristão, cuja condição é ambígua: ele não foi a outro país tendo missões como primeira motivação (não foi formalmente enviado como missionário, portanto). Porém, o que o impede de, uma vez fixando-se lá, assumir essa mentalidade missional e engajar-se na missão como se tivesse ido com essa finalidade? Pode parecer irreal, mas se esse salto de compreensão for dado, pode ser uma chance extraordinária de melhor aproveitamento, para o cumprimento da Grande Comissão, do grande contingente de brasileiros que se mudaram para o exterior. Aliás, é possível que já haja, entre esses brasileiros, membros de igreja que desempenharam funções discipuladoras em suas comunidades de fé no Brasil, bem como líderes de pequenos grupos. O que falta, na maioria dos casos, é adicionar a essa chama evangelística já existente o fator missional, que levará esses membros à intencionalidade de buscar a “melhor maneira de alcançar a cultura em que vive naquele dado momento”[20].

Vale o registro de que tal postura, se ocorrer, não terá sido única na era da igreja. Comentando sobre a vida missional, Timothy Keller cita Michael Green para lembrar que o crescimento explosivo do cristianismo inicial “aconteceu, na realidade, por meio de missionários informais”[21].

[19] STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 37.

[20] STETZER, 2015, p. 41.

[21] GREEN, Michael. Apud KELLER, **Timothy. Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um Ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova: 2014, p. 328.

Cuidavam-se não pregadores e evangelistas treinados, mas de cristãos que mais tarde seriam denominados leigos, que, espalhados pelos domínios do Império Romano, conquistavam novos discípulos para Jesus Cristo por meio de seu exemplo, comunhão, caráter transformado, alegria, perseverança e poder[22]. Na verdade, como salienta Koschorke, missionários formais como o apóstolo Paulo foram a exceção: “Não havia missionários profissionais na Igreja antiga. Antes, a normalidade era a expansão espontânea e, na maioria das vezes, anônima”[23]. Cabe, então, a indagação: será possível incutir na mente e no coração dos evangélicos brasileiros que residam fora do país um foco missional que os impulse a agir como esses “missionários informais” do passado, para alcançarem não só seus conterrâneos migrantes, mas, também, os nativos com os quais terão de interagir nas relações sociais estabelecidas no novo contexto onde se radicaram?

3.3. Coadjuvação intencional

É bem verdade que a consagração de obreiros locais e a delegação de responsabilidades figuram como parte do trabalho missionário na abordagem tradicional, como no ciclo paulino de David Hesselgrave[24]. No entanto, a constatação é que, na prática, algumas iniciativas “têm sido muito remissas em treinar e incentivar líderes nacionais a assumirem suas justas responsabilidades”[25]. Por esse motivo, o Pacto de Lausanne manifestou seu apoio integral à formação de uma liderança de fato nacional, nos seguintes termos:

[22] GREEN, Michael. Evangelização na igreja primitiva. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 213.

[23] KOSCHORKE, 2016, p. 23.

[24] HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas**: Um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo. Edições Vida Nova, 1984.

[25] Pacto de Lausanne. 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne> Acesso em: 7 nov. 2023.

Ardentemente desejamos que toda a igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança não em termos de domínio, mas de serviço. Reconhecemos que há uma grande necessidade de desenvolver a educação teológica, especialmente para líderes eclesiais. Em toda nação e em toda cultura deve haver um eficiente programa de treinamento para pastores e leigos em doutrina, em discipulado, em evangelização, em edificação e em serviço. Este treinamento não deve depender de uma metodologia estereotipada, mas deve se desenvolver a partir de iniciativas locais criativas, de acordo com os padrões bíblicos.[26]

Desta forma, uma igreja com mentalidade missiomigrante deverá ser intencional em identificar, mobilizar, formar, desenvolver e liberar nacionais para exercerem posições de liderança tão cedo se mostrem prontos a assumir tais responsabilidades. Com razão, compreenderá que está iniciando uma igreja latino-americana em solo estrangeiro não para alcançar latino-americanos, mas para impactar toda a comunidade em seu entorno; uma igreja contextualizada, que traduza e adapte a comunicação e o ministério do evangelho à cultura hospedeira sem comprometer a essência e as particularidades do próprio evangelho[27].

Contudo, note-se que esse processo poderá ser dificultado ou acelerado na proporção do empenho com que se integrem nacionais em posições de liderança e se levem em consideração, na tomada de decisões, as propostas e os argumentos destes, tendo a Bíblia como juiz final de qualquer opinião. O migrante deve, portanto, tornar-se intencionalmente coadjuvante, fazendo do nativo o protagonista.

[26] Idem. Para excelentes indicações sobre como passar o protagonismo da liderança para o autóctone, recomenda-se a leitura da dissertação de mestrado de Pedro Veiga, sob o título “A autoridade dos que servem: o caminho do serviço como proposta de seguimento para a liderança eclesial contemporânea”, disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58638/58638.PDF>.

[27] KELLER, 2014, p. 107.

Considerações finais

O presente artigo abordou a realidade da diáspora brasileira e seus desafios e oportunidades para a expansão da fé cristã no mundo de hoje, em especial a Europa. Apresentou, para isso, motivos de otimismo e preocupação quanto ao possível aproveitamento desse fenômeno social em termos missionários. Entre os desafios, o principal é o fechamento desses migrantes em círculos culturais brasileiros, acrescido da falta de empenho destes na contextualização do evangelho aos cidadãos dos países onde residem. Embora igrejas estejam sendo plantadas nesses locais, há uma omissão ou, no mínimo, uma demora exagerada em alcançar os nacionais e outorgar-lhes protagonismo, o que reduz ou atrasa significativamente o poder de impacto dessa presença brasileira no exterior.

Para mudar essa realidade, propôs-se um novo conceito, denominado missiomigração, caracterizado pela mentalidade de não apenas reconhecer e abraçar a cultura anfitriã, como também anunciar o evangelho de maneira fiel e relevante aos indivíduos pertencentes a essa cultura, fazer deles discípulos e iniciar novas igrejas, delegando a eles, em tempo propício, papéis de liderança. Essa missiomigração possui três elementos fundantes: inteligência cultural, consciência missional e coadjuvação intencional, acima desenvolvidos. Espera-se que este ensaio sirva de provocação para mais pesquisas e reflexões sobre o tema, visando o não desperdício do potencial missionário que pode estar contido no referido fenômeno.

REFERÊNCIAS

CARRIKER, Timóteo. **O que é Igreja missional**: Modelo e vocação da igreja no Novo Testamento. Viçosa, MG: Ultimato, 2018.

GREEN, Michael. **Evangelização na igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GRELLET, Fabio. **Onde vivem os brasileiros no exterior e quais os países preferidos?** Veja lista. Estadão, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/onde-vivem-os-brasileiros-no-exterior-e-quais-os-paises-preferidos-veja-lista-nprm/> Acesso em: 4 set. 2023.

HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas**: Um guia para missões nacionais e transculturais. São Paulo. Edições Vida Nova, 1984.

JENKINS, Phillip. **A próxima cristandade**: a chegada do cristianismo global. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record: 2004, p. 139.

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um Ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova: 2014.

KOSCHORKE, Klaus. Religião e Migração: Aspectos de uma história policêntrica do Cristianismo mundial. In: **Religiosidades em migrações históricas e contemporâneas**. Heloisa Helena Capovilla da Luz Ramos, Isabel Cristina Arendt e Marcos Antônio Witt (org.). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, pp. 19-51.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MEMORY, Jim. **Mitos, verdades e oportunidades para a obra missionária na Europa**. 23 nov. 2021. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/updates-pt-br/mitos-verdades-e-oportunidades-para-a-obra-missionaria-na-europa>. Acesso em: 5 set. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Deslocamento forçado atinge novo recorde em 2022, e ACNUR pede ação conjunta. Notícias**. 19 jun. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/237141-deslocamento-for%C3%A7ado-atinge-novo-recorde-em-2022-e-acnur-pede-a%C3%A7%C3%A3o-conjunta> Acesso em: 7 nov. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Qual a diferença entre “refugiados” e “migrantes”?**. Notícias. 4 mai. 2016. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferen%C3%A7a-entre-refugiados-e-migrantes> Acesso em: 5 set. 2023.

OIM. ONU Migração. **Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável**, 2022. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf> Acesso em: 5 set. 2023.

Pacto de Lausanne. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne> Acesso em: 7 nov. 2023.

STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015.